

Especificidades terminológicas da ambiência do garimpo: contribuições aos estudos da tradução intralingual

*Terminological specificities of the mining environment: contributions of the
intralingual translation*

Silvia Helena BENCHIMOL-BARROS*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Paulo Santiago DE SOUSA**

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Marciano Cabral DOS SANTOS***

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Valéria Jane dos Reis Borges DO CARMO****

Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: Este trabalho constitui-se em uma investigação acerca da terminologia utilizada no âmbito do Garimpo do Macaco em Cachoeira do Piriá – Pa. Os objetivos centrais contempõem a elaboração de um glossário sintético de termos utilizados no lócus de pesquisa, análise de sua utilização e registro dos significados a eles atribuídos. Trata-se de estudo de campo, de natureza qualitativa, subsidiado por investigações bibliográficas. Para a coleta dos dados utilizou-se entrevistas com quatro trabalhadores do garimpo na faixa etária entre 18 a 50 anos. Os principais referenciais teóricos foram Cabré (1999), Krieger e Finatto (2004), Aubert (1996) e Jakobson (1995) como aportes na área da Terminologia e Tradução Intralingual. Os resultados constatarem a existências de 58 termos utilizados com significados particulares e culturalmente localizados. Dados e análises levam a frutíferas reflexões sobre a importância dos estudos terminológicos em comunidades específicas.

PALAVRAS-CHAVE: Terminologia. Garimpo. Glossário. Tradução Intralingual.

ABSTRACT: This work approaches a terminological investigation in the scope of *Garimpo do Macaco*, Cachoeira do Piriá – Pa/Br. The main objectives cover the elaboration of a synthetic

* Doutora em Terminologia e Tradução – UA-UNL/ Pt; Prof. Adjunto da UFPA – vinculada ao Programa de Pós-Graduação PPLSA UFPA/Bragança. Líder dos grupos de Pesquisa ELA – Estudos em Linguística Aplicada e NET- Núcleo de Estudos em Tradução. E-mail: silviabenchimol@hotmail.com

** Doutorando em Linguística e Língua portuguesa – UNESP/Araraquara – vinculado a linha de pesquisa Estudos do léxico – Bolsista CAPES/PROEX. E-mail: profpaulosantiago@gmail.com

*** Especialista em Tradução Leitura e Compreensão Textual /UFPA, Graduado em Língua Inglesa e Língua portuguesa UFPA. Professor concursado SEDUC/PA. E-mail: mathianocabral1@gmail.com

**** Graduada em Língua portuguesa UFPA. Vinculada à prefeitura do Gurupi/ MA. E-mail: valeriajane2017@gmail.com

glossary of terms used within the research locus, analysis of their use and registration of their meanings. It is a qualitative field study, supported by bibliographical and documentary investigations. For data collection, interviews were used with four experienced prospectors aged between 18 and 50 years. The main theoretical references were Cabré (1999), Krieger and Finatto (2004), Aubert (1996) and Jakobson (1995) with their contributions in the areas of Terminology and Intralingual Translation. The research results show the existence of 58 terms used with particular and culturally located meanings. Data and analysis lead to fruitful reflections on the importance of terminological studies within specific communities.

KEYWORDS: Terminology. Gold Mining. Glossary. Intralingual translation.

Introdução

A cidade de Cachoeira do Piriá é reconhecidamente um dos maiores polos de garimpo da região nordeste do Pará. Com base nisso, é possível dizer que esse local apresenta uma riqueza de interações propiciadas pela atividade do garimpo e que, tais interações resultam em formas de comunicação muito peculiares, as quais se consolidam nos discursos destes interlocutores e passam a compor uma forma paralela de comunicação compartilhada no referido nicho comunitário. Por isso, é adequado referirmo-nos à riqueza deste lócus investigativo quando o enfoque é a *terminologia*, especialmente se considerarmos que existem termos pertinentes ao garimpo cuja aceção de significado e função comunicativa é de conhecimento restrito dos trabalhadores atuantes no ofício e que dividem as experiências locais e de algumas pessoas da comunidade do garimpo do Macaco¹.

A cidade de Cachoeira do Piriá está localizada no nordeste do Pará, e é conhecida por suas áreas de exploração de ouro, fato esse que chama a atenção de pesquisadores de várias áreas do conhecimento, incluindo estudiosos das ciências humanas, nomeadamente da Geografia, História, Antropologia e das ciências naturais, como a Física e a Biologia. Tais profissionais procuram realizar suas pesquisas, pautados nas características do trabalho do garimpo, situação econômica e principalmente no processo de exploração do ouro que lá ocorre. É natural que um

¹ Área localizada no nordeste do Pará, onde desde os anos 80 desenvolveu-se a prática do garimpo.

ambiente com uma atividade tão dinâmica e, que suscita olhares sob tão diversificados prismas, atraia pesquisadores movidos por interesses e direcionamentos, igualmente, bastante distintos.

A motivação para desenvolver esta pesquisa veio da percepção da necessidade de se mediar à compreensão de determinados termos utilizados pelos garimpeiros, já que a peculiaridade desta terminologia constrói um espaço de segregação comunicativa, distanciado dos sentidos da linguagem geral o qual, por muitas vezes, provoca obstáculos à própria pesquisa e discernimento sobre o ofício, tanto por parte de visitantes eventuais quanto por pesquisadores. Algumas ilustrações do que referimos são a utilização das expressões “chupadeira”, “bateia” e entre outros termos que inviabilizam a compreensão e, conseqüentemente, a comunicação, na ausência da materialidade do objeto ou da explicação do processo.

Os estudos da Terminologia (CABRÉ, 1995; KRIEGER e FINATTO, 2004) e os Estudos da Tradução, mais especificamente da Tradução Intralingual (JAKOBSON, 1995), estão presentes na base teórica referencial para a elaboração deste trabalho por propiciarem embasamento significativo que nos possibilitam refletir e inferir sobre as razões que permitem que esses fenômenos – intralinguísticos e terminológicos – aconteçam, e buscar maneiras propositivas para viabilizar eficazmente os processos interacionais, sem descaracterizar o modo comunicativo pertinente ao garimpo e, como consequência, difundir a cultura do município de Cachoeira do Piriá.

Com base no exposto, esta pesquisa tem como objetivos elaborar um glossário sintético de termos usados no ambiente do Garimpo do Macaco, analisar seus usos comunicativos no referido contexto e verificar quais significados são atribuídos a estes termos pelos garimpeiros, na cidade de Cachoeira do Piriá. Ressaltamos que a escolha específica deste lócus tem indiretamente o intuito de colaborar com a comunidade local, e mais diretamente com as pesquisas que envolvem estes agentes. Para fins de factibilidade do estudo foram selecionados como corpus de análise uma parcela dos termos, dentre a totalidade dos que foram identificados nas entrevistas. Estes serão apresentados e tratados no capítulo referente à metodologia. Utilizaremos como principais referenciais teóricos os autores: Cabré (1999), Krieger e Finatto (2004) e Aubert (1996) na área da Terminologia e Jakobson (1995) nos estudos sobre a dimensão intralingual da Tradução.

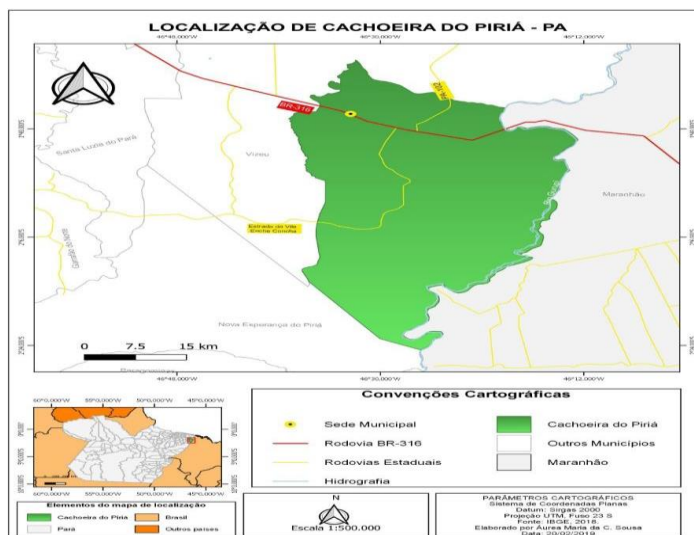
A pesquisa realizada é de natureza qualitativa, materializada por meio de estudo de campo subsidiado por investigações bibliográficas. A coleta dos dados foi realizada por entrevistas envolvendo trabalhadores do garimpo, priorizando informantes experientes que lá atuam por mais de uma geração² e garimpeiros mais jovens.

A coleta dos dados foi realizada por entrevistas, envolvendo trabalhadores do garimpo, priorizando informantes que lá atuam por mais de uma geração³ e garimpeiros mais jovens. Justificamos a escolha destes informantes em função de nossa tentativa de verificar a utilização destes termos ao longo de diferentes gerações e de sua permanência na comunicação efetiva da comunidade.

1. Contextualizando o Garimpo do Macaco

De acordo com Leal (2014, p.11), Cachoeira do Piriá é um “Município pertencente a Microrregião do Guamá, que estabelece limites ao norte com o Município de Viseu, a leste com o Estado do Maranhão e ao Sul com Nova Esperança do Piriá. Fica à 248 km da capital do estado, Belém do Pará e está localizado à margem da BR 316, na Pará-Maranhão”.

Figura 1 – Mapa de localização de Cachoeira do Piriá.



Fonte: SOUSA (2019).

² As entrevistas foram concedidas mediante a apresentação e leitura de uma Declaração de sigilo ético-científico, salvaguardando a integridade física e moral dos informantes.

³ As entrevistas foram concedidas mediante a apresentação e leitura de uma Declaração de sigilo ético-científico, salvaguardando a integridade física e moral dos informantes.

Garimpo do Macaco é um topônimo que se justifica pelo acidente geográfico Rio Macaco, que corta a cidade de Cachoeira do Piriá e cuja bacia – a bacia do Rio Macaco – está localizada no interflúvio dos rios Piriá e Gurupí, desta forma o sistema de drenagem é alimentado por essas outras bacias. Registram-se no local, densidade e angularidade baixas, sinuosidade curva, tropia tridirecional, (NNW-SSE, N-S, NW-SE e NE-SW), com assimetria fraca, formas em arco e cotovelos nas drenagens principais. O curso d'água base é o rio Macaco, afluente do rio Piriá pela margem direita, o qual drena a porção central da área na direção N-S. (SANTOS, 2004, p.66).

É notório que além de justificar sua nomeação, a proximidade do garimpo confere a este rio uma grande importância nas atividades exploratórias. O Garimpo do Macaco não possui registros oficiais de autorização para a extração de minérios, por isso a atividade ali desenvolvida é clandestina⁴. Esse espaço está localizado na área urbana da cidade de Cachoeira do Piriá, nordeste do Pará. Suas atividades começaram na década de 80 com a descoberta de uma pepita de ouro de mil e oitocentas gramas nas proximidades do Rio Macaco. A partir da descoberta de ouro nesta região, iniciou-se uma grande corrida de garimpeiros para a vila. Rapidamente, alguns barracões e casas iam se multiplicando na cidade ou nas margens dos rios. O auge desse garimpo deu-se entre os anos de 1983 a 1984 (LEAL, 2014, p. 22).

Nos dias atuais, o ouro tornou-se mais escasso na região, enfraquecendo a exploração em larga escala comparativamente ao que ocorria na década de 80. Mesmo com essa escassez, o Garimpo do Macaco mantém suas atividades durante os dias úteis, com a atuação de aproximadamente 15 exploradores, sob a responsabilidade de um administrador.

2. Perspectiva evolutiva e desdobramentos da Terminologia: as bases para a visão social dos termos em contexto.

A ciência avança continuamente e a divulgação de suas pesquisas produz uma documentação variada em diferentes línguas. A transmissão do conhecimento dá-se por meio de textos que possuem características peculiares em nível semiótico, pragmático,

⁴ Ressaltamos que esta pesquisa tem a intenção de realizar unicamente um estudo no âmbito da Terminologia e da Tradução intralingual e que o fato de referirmos à situação de clandestinidade deve-se a uma possível relação deste isolamento com as questões linguísticas.

sintático, semântico e, sobretudo lexical, uma vez que é principalmente por meio de uma terminologia própria que o texto de especialidade vincula e propaga os conhecimentos técnico-científicos.

Durante as décadas de 1980 a 1990, predominaram em Terminologia as pesquisas de caráter descritivo, fato que, evolutivamente, apontou incompatibilidades e limitações decorrentes da complexificação dos objetos abordados por esta área do conhecimento e, conseqüentemente abriu-se caminho para uma nova proposta teórica: a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT).

Os trabalhos precursores de Eugen Wüster despertaram inicialmente e de forma impactante a preocupação internacional com as questões terminológicas. Cabré (1996, p.6), afirma que os trabalhos em documentação realizados por Wuster constituem o desenvolvimento teórico mais sistemático e coerente já realizado sobre os termos e motivaram a criação de grupos que se configuraram em diversas escolas-vertentes terminológicas – Escola de Viena, Escola Russa, Escola de Praga e Escola Ibero-americana. Barros (2004) ressalta a relevância dos estudos desenvolvidos por estas escolas e o estabelecimento das bases para o crescimento dos estudos terminológicos que evoluíram para muito além das concepções monorreferenciais do autor.

A Terminologia enquanto estudo do vocabulário das áreas técnicas e científicas, desempenha papel fundamental no processo de difusão do conhecimento, dada a capilaridade dos campos de especialidade e suas demandas desafiadoras no nível da linguagem. Resultante desta percepção e da necessidade de enfoques mais significativos do ponto de vista social das relações e processos que se desenvolvem nas interações de produção de saberes, o conceito de Terminologia passou a ser redimensionado sob a ótica do significado, unidade de pensamento maior que congrega também elementos pragmáticos e conseqüentemente, a unidade terminológica passou a receber o olhar investigativo, adicional, do ponto vista sociolinguístico propiciando o surgimento da Socioterminologia.

Sob os postulados socioterminológicos, as variantes lexicais e conceituais devem constituir objeto de estudo da Terminologia e devem ser analisadas em seus respectivos contextos. Cabe abriremos um breve espaço para elucidar conceitualmente e comparativamente ao que se referem às nomenclaturas correlatas e interfaceadas com a Terminologia – Lexicografia e Terminografia - com o propósito de que o corpus desta

pesquisa possa ser situado e observado nas suas peculiaridades sob estas concepções. Partindo do conceito matriz – Terminologia – que Cabré (1999) afirma ser uma teoria sistemática, coerente e válida para solucionar problemas da comunicação estandardizada, estendemos à compreensão aos conceitos de Lexicografia e Terminografia que, segundo Bevilacqua e Finatto (2006, p.44) são, no caso da Lexicografia, um instrumento que para além de “auxiliar os falantes nativos de uma língua com suas dificuldades de ortografia, de categorização e gramatical de palavras”, presta esclarecimentos “sobre o significado e o uso de uma palavra pouco utilizada, incluindo algumas informações etimológicas” e é condicionado por “um corpus de referência; uma dada concepção de gramática e de língua e; uma concepção determinada de descrição do significado”.

No caso da Terminografia, Bevilacqua e Finatto (ibidem, p.47) afirmam ter analogamente o objetivo de “tirar dúvidas sobre o sentido de um ‘termo técnico’, em uma área de saber específica, mas que pode ser vista como produto da reflexão e, ao mesmo tempo, resultado da metodologia derivada dessa reflexão, teoricamente embasada”. Percebe-se assim que os termos Terminologia, Lexicografia e Terminografia se entrelaçam, e apesar de suas especificidades estão a serviço da mediação de uma comunicação mais fluida e produtiva em suas ambiências.

3. Procedimentos do Trabalho Terminológico e da Tradução Intralingual

Durante a realização da presente investigação, em que se objetivou a coleta de dados para fins de elaboração de um glossário monolíngue, a sistematização destes dados (termos) em fichas explicativas, a compreensão de sentidos destes termos (sua tradução intralingual), transitamos por essas interfaces conceituais e, consonante com nossa metodologia e propósitos, nos inserimos na dimensão terminográfica, cuja relevância no campo das ciências se justifica, por tornar conhecidos os termos específicos de um povo ou grupo de pessoas que têm seu léxico próprio. A respeito do suporte que a tecnologia representa para os procedimentos metodológicos em Terminologia, Borba e Villar (2011 *apud* XATARA et. al., 2011, p. 21) salientam que “[...] com a chegada dos computadores e das novas tecnologias foi possível um avanço

acerca dos estudos em terminologia em tempo cada vez mais reduzido, de *corpora* representativos da língua [...]”.

Considerando que a tradução intralingual ocorre quando “[..]uma palavra utiliza outra palavra, mais ou menos sinônima, ou recorre a um circunlóquio” (JAKOBSON, 1995, p. 65) e tendo claro que a competência interpretativa é a base de qualquer processo tradutório, este artigo propõe também este olhar teórico sobre o corpus. A tradução intralingual é um mecanismo inerente à nossa atividade humana de comunicação. Estamos constantemente compreendendo ou interpretando e fazendo reformulações discursivas do que vemos e escutamos. Estamos sempre focados em **nos** fazer compreensíveis aos nossos interlocutores e com este intuito lançamos mão das paráfrases e reformulações. Mendes (2009) destaca as seguintes modalidades: paráfrase, paródia, pastiche, adaptação e retextualização. Segundo ele, essas operações normalmente consistem na interpretação de signos verbais por outros da mesma língua, ou seja, elas tratam de ações pertinentes ao processo de tradução intralinguística.

A elaboração de um glossário tem por base as premissas da tradução intralingual ao exercer a mediação de clarificação e estabilização dos sentidos dos termos em dada situação espaço-temporal. Neste sentido, pode ajudar a comunidade bem como estudiosos das mais diversas áreas na resolução de rupturas comunicativas em função da especificidade lexical utilizada no garimpo do Macaco.

Tendo em vista a necessidade de entender esses fenômenos e realizar interpretações acerca dos fatos linguísticos implicados, a abordagem que utilizamos para a realização deste estudo foi de natureza qualitativa, desenvolvida em campo, com procedimentos exploratórios inerentes a um estudo de caso. Fez-se impreterível conhecer o lugar, estabelecer uma relação de confiabilidade entre interlocutores e realizar entrevistas com os garimpeiros para a posterior operacionalização da coleta dos termos e sua tradução intralingual.

Realizamos entrevistas semiestruturadas com quatro garimpeiros, na faixa etária entre 18 a 50 anos que trabalham efetivamente no garimpo do Macaco, os quais atuaram como informantes para a elaboração do glossário de termos. Realizaram-se três visitas ao *locus* as quais se destinaram sequencialmente a: (i) explorar o espaço físico e fotografar as ferramentas, máquinas e materiais utilizados pelos garimpeiros com a aquiescência dos gestores; (ii) realizar as entrevistas com os garimpeiros considerados

mais experientes (faixa etária de 30 a 50 anos); (iii) entrevistar os garimpeiros com idades entre 18 e 30 anos.

A partir das entrevistas gravadas em aparelho móvel celular, extraíram-se os candidatos a termos específicos de uso no garimpo do Macaco, os quais foram divididos em duas dimensões, a saber: a dimensão *materiais* – máquinas, ferramentas e equipamentos; e a dimensão *funcional* – funções de quem opera / utiliza tais ferramentas e função do equipamento. As informações relevantes à pesquisa registraram-se em blocos de notas além do áudio gravado. Os objetivos estritamente acadêmicos do trabalho foram claramente expostos aos informantes.

Os termos foram selecionados e organizados em ordem alfabética, para então procedermos à tradução intralingual, por meio de consultas aos especialistas – os garimpeiros. Utilizamos o suporte tecnológico do computador para agrupar as imagens aos seus significados, consolidando, assim, o glossário composto por 58 (cinquenta e oito) termos de especialidade. Optamos por utilizar os componentes: macroestrutural, onde os termos são dispostos em ordem alfabética, e microestrutural do glossário, composto pelos elementos: termo-entrada, categoria gramatical, gênero, definição e o contexto de uso. Vale ressaltar que, o termo-entrada, categoria gramatical e definição são elementos obrigatórios, enquanto variantes, notas, imagem, contexto de uso, dependem da característica de cada termo. A seguir, nos Quadros 1 e 2, respectivamente, exemplificamos o modo de apresentação dos termos, e listamos as abreviaturas e seus significados. Na sequência, em colunas apresentamos o glossário e a análise do corpus.

a) Termo-entrada principal

Termo – entrada principal	
Termo – entrada	Garimpeiro
Categoria Gramatical	<i>s.m.</i>
<i>s.m.</i>	substantivo masculino
Definição	pessoa que trabalha no garimpo
Contexto de uso	“Aquele homem é garimpeiro!”

b) Abreviaturas e significados

Abreviaturas e significados	
<i>adj.</i>	Adjetivo
<i>s.f.</i>	substantivo feminino
<i>s.m.</i>	substantivo masculino
<i>s.t.m.</i>	sintagma terminológico masculino
<i>s.t.f.</i>	sintagma terminológico feminino
<i>v.</i>	Verbo
<i>Var.</i>	Variante
<i>Nota</i>	informações adicionais

c) Glossário do Garimpo do Macaco

Açude (<i>s.m.</i>) construção de terra, pedra, cimento, etc., destinada a represar águas, a fim de que sejam usadas no trabalho no garimpo.	intuito coletar o ouro.
Afrouxar (<i>v.</i>) ação de tornar menos tenso os nós usados para amarrar a madeira ao teto dos barracões ou barracas.	Cobra 1 (<i>s.f.</i>) espécie de cano que tem como finalidade jorrar água e terra na caixa., (Ver Mangote).
Apurar (<i>v.</i>) processo de junção de ouro por meio do azougue (ver Mercúrio).	Cobra 2 (<i>s.f.</i>) caixa de madeira usada para lavar a terra. <i>Nota:</i> esta ferramenta é constituída por três elementos: caixa, coxo e o ralo.
Azougue (<i>s.m.</i>) elemento químico utilizado no processo de separação do ouro de outros sólidos. Sinônimo de Mercúrio (ver Mercúrio).	Cobreiro (<i>s.m.</i>) pessoa que responsável pelo manuseio da “cobra 2”.
Barracão (<i>s.m.</i>) grande construção de madeira no formato de uma casa em que o telhado é constituído de madeira e palha. Tem a função de abrigar as ferramentas usadas pelos garimpeiros.	Coxeiro (<i>s.m.</i>) pessoa que opera o coxo.
Barraca (<i>s.f.</i>) construção de madeira no formato de uma pequena casa em que o telhado é constituído de madeira e palha. Tem a função de abrigar as ferramentas e/ou os garimpeiros no período de descanso.	Crivo (<i>s.m.</i>) utensílio com o fundo perfurado, que se usa para separar fragmentos, grãos e pedras preciosas.
Barranco (<i>s.m.</i>) escavação onde os garimpeiros passam tempo trabalhando à procura de ouro.	Cuia (<i>s.f.</i>) recipiente metálico de fundo cônico, usado para queimar o ouro.
Batear (<i>v.</i>) ação de usar a bateia.	Curimã (<i>s.f.</i>) terra que não tem mais serventia para o processo de extração de ouro. <i>Var:</i> Terra Cega e Onça.
Bateia (<i>s.f.</i>) recipiente de madeira ou metal, de fundo cônico, onde se colocam os cascalhos para separar as pedras do ouro.	Currutela (<i>s.f.</i>) nome dado ao lugar aonde os garimpeiros vão ao encontro de prostitutas, bebidas, músicas ao fim do dia.
Britador (<i>s.m.</i>) máquina usada para quebrar as pedras com o intuito de facilitar a escavação.	Debrear a terra (<i>v.</i>) preparar a terra para que seja utilizada ou manuseada pelo garimpeiro na procura do ouro.
Caixa (<i>s.f.</i>) objeto de formato quadrado com uma tela de proteção que tem como finalidade realizar a lavagem da terra e que separa a terra do ouro.	Despesca (<i>s.f.</i>) processo de apuração do ouro.
Cascalho (<i>s.m.</i>) lascas de pedras que podem ser constituídas de pedra e metais preciosos como o ouro.	Estopa (<i>s.f.</i>) espécie de tecido mais grosso feito de linho que serve para colocar na caixa para reter o ouro.
Chupadeira (<i>s.f.</i>) máquina usada para sugar água e terra de dentro das escavações. <i>Nota:</i> tem por	Galeria (<i>s.f.</i>) espécie de túnel ou passagem subterrânea que são construídos pelos garimpeiros para procurar ouro.
	Garimpeiro (<i>s.m.</i>) pessoa que trabalha no garimpo.
	Grota (<i>s.f.</i>) espécie de lagoa que se forma a partir das escavações feitas pelos garimpeiros.

Jateiro (<i>s.m.</i>) pessoa que opera o jato.
Jato (<i>s.m.</i>) mangueira que lança água e que tem a finalidade de cortar a terra deixando-a mais úmida para o manuseio.
Lacrau (<i>s.m.</i>) parte de cima da terra onde são feitas as escavações em busca de ouro.
Lavanca (<i>s.f.</i>) ferramenta feita de aço, com tamanho aproximado de um metro e meio e é utilizada para realizar escavações no solo com o objetivo de deixar a escavação ajustada no formato de que se deseja (quadrado, redondo, etc).
Maçarico (<i>s.m.</i>) aparelho que envia, por um tubo, um gás ou líquido combustível sobre uma chama que é usado para soldar ou fundir metais.
Mangote (<i>s.m.</i>) mangueira grossa que tem como finalidade fazer a sucção de terra e água de dentro das galerias com o destino a ser despejadas na caixa, também é conhecido como cobra. (ver cobra 1).
Maraca (<i>s.f.</i>) mangueira por onde passa água e terra que são transportadas para a caixa e são despejados na tela onde se realiza a separação do ouro.
Maraqueiro (<i>s.m.</i>) pessoa que opera a Maraca.
Martelo (<i>s.m.</i>) ferramenta que compõe o moinho e tem como finalidade moer as pedras.
Melechete (<i>s.m.</i>) espécie de líquido misturado com areia que sai do moinho quando se tritura a pedra.
Mercúrio (<i>s.m.</i>) elemento químico utilizado no processo separação do ouro de outros sólidos. (ver Azougue)
Moinho (<i>s.m.</i>) máquina responsável por triturar as pedras para depois fazer a separação da pedra do ouro.
Motores (<i>s.m.</i>) máquinas utilizadas tanto para sugar quanto para lançar água. (ver chupadeira, jato).
Muntueira (<i>s.f.</i>) sinônimo de curimã. (ver Curimã).
Onça (<i>s.f.</i>) quantidade grande de terra que o garimpeiro tira de dentro do buraco e que não tem mais serventia para o processo de extração do ouro. (sinônimo de Curimã e Terra Cega).

Ouro Fino (<i>s.t.m.</i>) ouro em forma de pó.
Ouro Grosso (<i>s.t.m.</i>) ouro em formato de pequenas pedras
Ouro Preto (<i>s.t.m.</i>) ouro misturado com outros metais como chumbo e ferro que fica de cor preta no processo de queimação de ouro.
Pá (<i>s.f.</i>) ferramenta levemente côncava, formada de uma chapa de ferro na parte inferior e ferro ou madeira na parte superior. <i>Nota:</i> ela é usada para remover a terra do espaço onde está sendo cavado.
Peão (<i>s.m.</i>) nome usado para pessoas que trabalham no garimpo (<i>Var.</i> garimpeiro).
Pepita (<i>s.f.</i>) pedaço sólido do ouro.
Picarete (<i>s.m.</i>) ferramenta pontiaguda de duas pontas que é utilizada para realizar escavações no solo.
Pilão (<i>s.m.</i>) ferramenta feita de um tronco de madeira utilizada para triturar pedras para depois lavar na bateia para colher o ouro.
Piu-piu (<i>s.m.</i>) máquina que emite um ruído quando detecta o ouro no solo. <i>Nota:</i> é através desta máquina que eles começam a planejar as escavações.
Poço (<i>s.m.</i>) escavação que dá acesso às galerias.
Ralo (<i>s.m.</i>) instrumento que constitui a cobra 2 (ver cobra 2) e tem como finalidade fazer a lavagem da terra.
Reque (<i>s.m.</i>) ação de reter a sobra de ouro que sobra nas placas que ficam presentes no moinho.
Tarisca (<i>s.f.</i>) material que fixa a tela na caixa para que não se rompa durante a passagem de água e terra.
Tela (<i>s.f.</i>) material de arame ou de plástico que fica estendida na caixa com o objetivo de fixar o ouro durante a passagem de água e terra.
Terra Cega (<i>s.t.f.</i>) terra que não tem mais serventia por não ter nenhum minério em sua composição. (sinônimo de Curimã e Onça).
Tilinho (<i>s.m.</i>) espaço por onde passa a água e a terra até chegar à Maraca

4. Análise dos dados

Faremos uma breve discussão acerca do uso de sete destes termos e expressões usadas no Garimpo do Macaco tendo como base as observações realizadas em

conversas informais com os garimpeiros *in loco*, pesquisas paralelas em *sites* ou dicionários *online* baseados na etimologia das palavras e também por meio de entrevistas formalizadas com os informantes desta pesquisa. A seleção a que procedemos justifica-se pela extensão do corpus de referência de onde foram extraídos e por uma análise que partiu de nosso julgamento sobre a “estranheza” ou “distanciamento” dos sentidos que tais termos exercem comparativamente no léxico geral e como unidade terminológica. Para além do aspecto “estranheza” buscamos inferir razões para seu sentido e utilização no contexto do garimpo a partir de características morfológicas e fonológicas do termo como pode ser verificado em nossas análises.

Abaixo, como primeira exemplificação, temos o termo “onça” que, neste contexto, difere totalmente do significado conhecido no léxico geral.

Onça (*s.f.*) Palavra usada para descrever uma quantidade grande de terra que o garimpeiro tira de dentro do buraco e que não tem mais serventia para o processo de extração do ouro.

“Vamos trabalhar nessa **onça**”.



Fonte: Acervo dos autores

Tem-se a informação de que uma onça (que tem como abreviação “oz”, tem origem na antiga palavra italiana *onza*). Nos Estados Unidos é utilizada a medida “ounce”. Este termo designa uma unidade de medida de massa, com dois valores diferentes, dependendo do sistema que é utilizado: No sistema *avoirdupois* (usado para pesar objetos em geral) uma onça equivale a 28,349523125 gramas, ou seja: 437,5 grãos. Logo, ao assemelhar o termo “onça” como unidade de medida e o “onça” utilizado no garimpo, percebe-se no contexto em estudo a persistência do uso desta medida, pois de acordo com os garimpeiros, esse termo está relacionado à grande quantidade de terra que não tem mais utilidade para a extração de ouro.

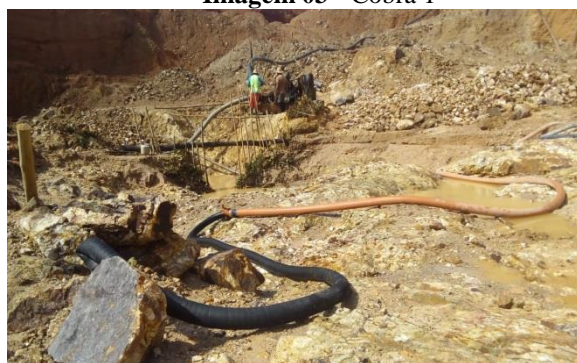
Ao conversar com os garimpeiros a respeito do processo de extração do ouro, o termo – “onça” emerge naturalmente, e se o entrevistador não tiver nenhum

conhecimento sobre as especificidades das expressões do garimpo, provavelmente ele não o compreenderá e, conseqüentemente, haverá dificuldades no fluxo produtivo da conversa dada a ruptura na comunicação, no resgate de sentidos ou desvios temáticos, demandando que se façam os devidos esclarecimentos – a tradução intralingual – por meio da reformulação ou paráfrase por parte do informante.

Outro termo característico do garimpo do Macaco e que apresenta um sentido diferente ao do senso comum é o termo “cobra”.

Cobra 1 (*s.f.*) espécie de cano que tem como finalidade jorrar água e terra na caixa. (ver Mangote)

“Quem vai trabalhar na cobra?”



Fonte: Acervo dos autores

“Cobra” foi um dos termos frequentemente utilizados e que durante a pesquisa de campo foi possível relacionar com as características inerentes ao seu aspecto e finalidade no processo de extração de ouro. Pareceu-nos bastante evidente que a denominação do objeto está ligada à aparência alongada e longilínea e também à sua movimentação rasteira semelhante à do réptil, entretanto nos pareceu curiosa a sua inserção no discurso dos garimpeiros *“quem vai trabalhar na cobra?”* por deixar dúvidas sobre o efetivo sentido contextual do termo, requerendo explicações adicionais, reformulações. Destacamos aqui, o termo “Piu-piu”. Segue a imagem abaixo:

Imagem 04 – Piu-piu

Piu-piu (*s.m.*) máquina utilizada para indicar onde tem ouro. É através desta máquina que eles começam a planejar as escavações para procurar ouro.

*“Passa o **piu-piu** nessa área para ver onde tem ouro”.*



Fonte: Acervo dos autores

Em algumas conversas informais sobre ferramentas e equipamentos utilizados emergiu este termo. Perguntamos aos garimpeiros sobre a função e denominação desta máquina, ao que eles responderam que era “piu-piu”, utilizada para a detecção do metal garimpado. Então perguntamos o porquê deste nome e os trabalhadores nos informaram que o nome foi dado devido ao ruído que esta máquina emite quando detecta o ouro na terra.

Em nossas pesquisas junto aos garimpeiros, percebemos que por ser um equipamento de detecção do metal, esta nomenclatura está associada à sonoridade, uma situação em que não mais a forma, mas sim a imagem sonora do objeto justificou sua denominação. O ruído produzido pelo equipamento assemelha-se a emissão humana “piu-piu”. Em sites populares de venda, este equipamento aparece como “detector de metais piupiu”. Embora uma “criação” que se mostrou adequada para mediar à comunicação no contexto de investigação, percebeu-se por meio da pesquisa que este termo já entrou em uso constante e generalizado nas atividades de garimpo, e que o mesmo já extrapolou aqueles limites do lócus. Ressalta-se também que está associado a um saber local, relativo ao reino animal.

Adiante, temos um dos instrumentos mais utilizados e conhecidos no garimpo: a “Bateia” (na imagem abaixo). Este termo é tão usado no âmbito da pesquisa que possibilitou a criação de um verbo que deriva do próprio termo, a saber: batear.

Bateia (*s.f.*) recipiente de

Imagem 05 – Bateia

madeira ou metal, de fundo cônico, onde colocam-se os cascalhos para separar as pedras do ouro.

*“Traga a **bateia** aí para nós testar aqui com esse material”.*

*“Chegou a hora de **batear** a terra”.*



Fonte: Acervo dos autores

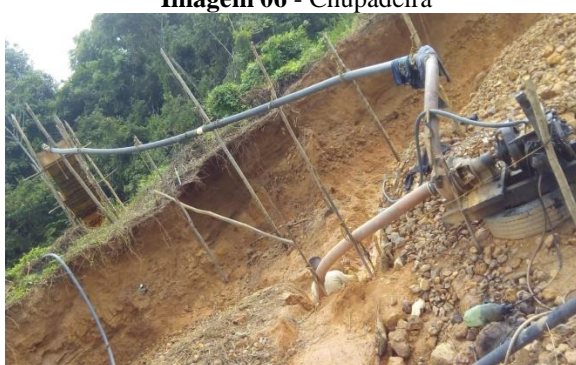
De acordo com Viaro (2009, p. 14), na maioria das vezes, isto ocorre porque “a palavra resultante da sufixação pertence a uma ou mais classes morfológicas. Elas precisam ser discriminadas, para saber se se trata de um sufixo nominalizador, adjetivador, verbalizador ou adverbializador”. Neste contexto, percebemos que a palavra *bateia* deu origem, por sufixação, ao verbo *batear*.

Nas conversas informais com os garimpeiros, eles não conseguiram dizer o porquê da criação deste nome, talvez por já estar em uso há bastante tempo, entretanto pesquisas paralelas nos indicaram que a palavra deve ter surgido a partir do grego (*batiaca*), que significa “espécie de taça de beber, copo”, mas segundo desdobramentos desta mesma pesquisa, percebemos que existe uma proximidade com um termo proveniente do idioma árabe, que se juntando ao português, deu origem à palavra “*báttega*”, cujo significado é “bacia de metal” e/ou “aguaceiro, forte chuva”. As evidências da utilização no lócus investigativo nos leva a concluir que esta segunda hipótese tem maior sustentação e vigor na relação com o material encontrado no garimpo, por se tratar de uma ferramenta de metal que lembra uma bacia (como pode ser visto na imagem acima) e para manusear, faz-se necessário utilizar água para separar o ouro das pedras.

Outro termo que consideramos interessante ilustrar em nossa pesquisa foi “*chupadeira*”.

Chupadeira (*s.f.*) máquina usada para sugar água de dentro das escavações com o intuito de se coletar o ouro.

“Está na hora de ligar a **chupadeira** pra tirar o ouro do poço”



Fonte: Acervo dos autores

Trata-se de um motor/máquina que realiza a sucção de terra e água das escavações com o intuito de direcioná-los para a caixa, onde será separado o ouro da terra. Ao analisarmos o termo “chupadeira”, podemos inferir que ele é constituído a partir do verbo “chupar” agregado ao sufixo “deira” que sugere, assim, a formação de um substantivo feminino derivado a partir do verbo “chupar”. Ao realizarmos pesquisas na internet, conseguimos encontrar este mesmo termo sendo usado em outros contextos. Esta palavra é usada no português lusitano como sinônimo de “chupeta”. No contexto do garimpo, observamos que a palavra detém praticamente o mesmo valor semântico no que se refere à função realizada pela máquina, pois chupeta designa a função de chupar algo, contudo, o termo “chupadeira” denomina objetos diferentes em cada contexto de uso.

Realmente o garimpo é um mundo complexo em que o texto de especialidade está em constante uso e demanda esse conhecimento linguístico para a compreensão fluida das atividades e elementos que fazem parte daquele fazer local. Outro exemplo disto expressa-se com o termo “azougue”. No garimpo, podemos, rapidamente, fazer relação deste com a palavra “ímã”, um objeto que cria um campo magnético ao seu redor que atrai outros objetos que estão por perto. Mas, no contexto do garimpo, “azougue” é uma palavra sinônima do elemento químico “Mercúrio”, que embora tenha a mesma finalidade do “ímã”, por ser um líquido que é despejado dentro da cuia para unir os pedaços de ouro, o termo, em si, significa Mercúrio. Logo, uma pessoa que não dispõe deste conhecimento não conseguiria compreender uma frase ou expressão que incluísse o termo “azougue” no espaço do garimpo.

Azougue (*s.m*) elemento químico utilizado no processo separação do ouro de outros sólidos. O mesmo que mercúrio (ver Mercúrio).

Imagem 07 - Azougue



*“Pega o vidro de **azougue** para colocar na bateia”.*

Fonte: Acervo dos autores

Tendo em vista a possível dificuldade de compreensão da palavra “azougue” no contexto do garimpo, realizamos algumas buscas com este termo no intuito de obter algumas outras formas de uso em outros contextos. De acordo com o dicionário *online* Priberam⁵, a palavra azougue também detém os significados de “pessoa muito viva, esperta e irrequieta”, assim também como pode significar na linguagem informal “aguardente de cana”. Mais uma vez é importante frisar que mediante os tantos significados, o estudo terminológico pode nos ajudar a entender os textos de especialidade com mais precisão e autonomia.

Por último, destacamos o termo “martelo”, que, de acordo com pesquisas paralelas provém do latim medievo (*martellus*) e deriva das formas clássicas (*malleus* ou *martulus*) sendo considerada uma arma branca antiga. A sua principal finalidade é golpear objetos. Esta é a principal definição do martelo usada na construção civil. No entanto, no contexto do garimpo, o termo apresenta um significado diferente daquele que lhe é atribuído no léxico geral. No garimpo, “martelo” é uma ferramenta com a função de triturar o ouro no moinho. Abaixo segue a imagem do martelo.

⁵ Dicionário *online* Priberam. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/azougue>. Acesso em 25 de out. 2019.

Martelo (*s.m.*) ferramenta que compõe o moinho e tem como finalidade moer as pedras.

*“Nós colocamos o **martelo** dentro do moinho”.*

Imagem 08 – Martelo



Fonte: Acervo dos autores

Observamos que “martelo”, conforme ilustração tem a aparência bem diferente do martelo que é usado na construção civil e a função também é distinta. Em conversas informais com os garimpeiros, eles mencionaram não saber o porquê deste nome, apenas sabiam de sua relação com o processo de moer a pedra dentro do moinho. Com base nisso, comungamos da mesma ideia de Viaro (2009) quando afirma que muitas vezes as palavras podem ficar décadas em uso, mas que no decorrer do tempo, novos significados lhes são atribuídos e, pela falta de um registro destes significados compatibilizados com data ou período em que ocorreram, as pessoas costumam usar o sentido novo e o antigo de forma mesclada, impossibilitando que se identifique, na maioria das vezes, a origem de tal palavra.

Neste trabalho, apresentamos uma seleção de termos que são utilizados com mais frequência no garimpo do Macaco e fizemos uma breve discussão acerca de seus significados e da forma como são usados no referido contexto, comparando-os com os mesmos termos em outros contextos. O conhecimento desses termos nos permitiu reafirmar a complexidade que área da Terminologia concentra e, ao mesmo tempo, foi nos proporcionado à realização científica de poder conhecer mais de perto o quão grandioso é o mundo das linguagens de especialidade e as particularidades que essas linguagens nos apresentam em ambiências tão peculiares.

Considerações Finais

Este trabalho inserido no âmbito dos estudos terminológicos nos reforça a relevância dos estudos do léxico e nos incita a curiosidade científica por explorar

universos novos, fomentando curiosidade extrapolada do nível do senso comum. Possibilitou-nos entender melhor que as comunidades que compartilham saberes, fazeres, processos e culturas, naturalmente moldam seu modo de comunicação adotando palavras que lhes são necessárias e lhes fazem sentido, o que reafirma a dinamicidade da língua e do seu caráter de flexibilidade e sensibilidade aos usos contextualizados. Estudos como este, permitem um espaço de valorização e descoberta de universos lexicais em expansão, de rica contribuição aos processos comunicativos. Independente de um pensamento lógico, programado sistematicamente, estas palavras – que são em definição da área, denominadas “termos” – surgem muitas vezes de forma espontânea por relações de similaridade funcional ou de seu aspecto com outros elementos da vida destas pessoas, como foi visto no trabalho.

A pesquisa também nos descortinou um mundo novo – o mundo do Garimpo do Macaco – no município de Cachoeira do Piriá e como a Terminologia e a Tradução Intralinguística puderam nos auxiliar nessa grande tarefa de entender os discursos especializados com os seus mais vastos campos de significados e usos.

Para se atingir uma compreensão dessa realidade, que foi vivenciada no lócus da pesquisa, efetivamente, tivemos como objetivos a elaboração de um glossário sintético, um corpus de análise reduzido de termos e expressões usadas no Garimpo do Macaco, e as análises dos usos desses termos e o registro dos significados atribuídos a eles no garimpo estudado. No total nos foi possível coletar 58 termos neste garimpo, as quais apresentam, na maioria das vezes, significados restritos ao âmbito da pesquisa. Elaborar um glossário que pode servir de referências para futuras pesquisas é, mais uma valia que nos cabe ressaltar. Destes 58 termos foram selecionados sete, que julgamos serem representativos do que pretendíamos ilustrar nesta pesquisa.

Após a análise dos dados, ficou perceptível que alguns termos usados no garimpo estão relacionados, primordialmente, às funções, aspectos da forma física, aspectos fonéticos, aproximação de sentidos de palavras pré-existentes com ressignificação semântica (como em situações em que os termos apresentam semelhança na escrita com outros termos do léxico comum, porém, com significados diferentes).

Acreditamos que o produto gerado a partir desta pesquisa, o glossário, servirá como base tanto motivacional para outros trabalhos, quanto para ajudar pesquisadores e estudiosos de várias áreas do conhecimento, principalmente nas ciências humanas,

como Geografia, História, Antropologia e outras áreas das ciências naturais, como a Física e a Biologia.

REFERÊNCIAS

AUBERT, Francis Henrik. *Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngue*. Cadernos de Terminologia no. 2. São Paulo: Humanitas, 1996.

BARROS, Lúcia Almeida. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004. p. 25-96.

BEVILACQUA, Cleci Regina & FINATTO, Maria José Bocorny. *Lexicografia e Terminografia: alguns contrapontos fundamentais*. Alfa, São Paulo, 50 (2): 43-54, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26623001_Lexicografia_e_Terminografia_alguns_contrapontos_fundamentais/fulltext/0f318e883829de221637908c/Lexicografia-e-Terminografia-alguns-contrapontos-fundamentais.pdf. Acesso em: 21 de out. de 2019.

CABRÉ, Maria Teresa. *La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones*. Ciência da Informação. v. 24, n. 3, 1995. 2.

CABRÉ, Maria Teresa. *Importância de la terminología en la fijación de la lengua*. Revista internacional de língua portuguesa. Núm. 15, jul. 96. Lisboa: Editorial Notícias, p.9-24. 1996.

CABRÉ, Maria Teresa. *La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.

GOOGLE MAPS. *Mapa do Garimpo do Macaco*. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Cachoeira+do+Piriá+-+PA>. Acesso em: 19 de fev. de 2019.

KRIEGER, Maria da Graça & FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria & prática*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 18.

JAKOBSON, Roman. *Os aspectos linguísticos da tradução*. 20. ed. In: Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1995.

LEAL, Flávio. J. S. *Entre a currutela e o barranco: as memórias do universo de trabalho e de lazer dos migrantes do garimpo de Cachoeira do Piriá nos anos de 1980*. 91 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura em história) - Universidade Federal do Pará-UFPA, Bragança, 2014.

MENDES, Eliane Amarante Mendonça de. *Processos de tradução intralingual*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009, João Pessoa. *Anais*. João Pessoa: UFPB, 2009.

SANTOS, Raimundo Nonato do Espírito Santo dos. *Investigação do passivo ambiental em Cachoeira do Piriá, NE do Pará: base para a gestão ambiental em áreas garimpadas na Amazônia*. 193 f. (doutorado em área de concentração: hidrogeologia e meio ambiente) instituto de geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SOUSA, Áurea Maria da Casta. *Impactos socioambientais da mineração na bacia hidrográfica do Rio do Macaco no município da Cachoeira do Piriá-Pa, no período de 2014-2018*. 68f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura em Geografia) – Universidade Federal do Pará, Parauapebas, 2019

VIARO, Mário Eduardo. Buscando um novo método para seleção e interpretação de dados em Morfologia Histórica. In: ALVES, I. M. et al. (Org.). *Estudos lexicais em diferentes perspectivas*. Vol. I. São Paulo: FFLCH/USP, 2009. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo/livros/IVCOLOQUIO.pdf>. Acesso em: 21 de out. de 2019.

VILLAR, Mauro Salles & BORBA, Francisco Silva da. *O trabalho do dicionarista*. In: XATARA, C.; Bevilacqua. Cleci Regina. HUMBLÉ, Philippe René Marie (Orgs.). *Dicionários na Teoria e na Prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

XATARA, Claudia, BEVILACQUA, Cleci Regina & HUMBLÉ, Philippe René Marie. *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.